



C.T.G RODEIO DA QUERÊNCIA

A ANCESTRALIDADE DAS CAMPINAS



**Projeto executado através do Edital
Criação e Formação Diversidade das Culturas
realizado com recursos da Lei Aldir Blanc nº 14.017/20.**



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



O CTG Rodeio da Querência, com a missão de cultuar e difundir a história, formação social, folclore e tradição, apresenta o projeto “**A Ancestralidade das Campinas**”.

É um projeto cultural que colabora com o sentimento de pertencimento a um território, estabelecendo relações sociais e a construção de uma identidade cultural regional, valorizando e preservando as expressões culturais e históricas herdadas dos povos colonizadores.

Como produto deste projeto entrega a comunidade este e-book, visando realizar um importante resgate histórico e cultural, objetiva resgatar e difundir o conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e produtos que remetem à história, à memória e à identidade dos povos formadores do município de Campinas do Sul.

AUTOR



Manoel Antônio Gomes, é natural de Campinas do Sul, advogado formado pela Universidade de Passo Fundo (UPF), com pós-graduação em gestão empresarial, na mesma universidade. Seu gosto pela pesquisa e história vem desde os tempos de colégio, tanto que já frequentou o curso de História da UPF.

Ficha Editorial:

Produção Cultural: CTG Rodeio da Querência

Diagramação: RS Expressões da Arte

Capa: O Maikol Locatelli

Agosto 2021

Projeto executado com recurso do Edital Criação e Formação Diversidade das Culturas realizado com recursos da Lei Aldir Blanc nº14.017/20.

ÍNDICE

ÍNDICE	3
INTRODUÇÃO	4
A PRIMEIRA OCUPAÇÃO	7
LOCALIZAÇÃO DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS	10
FAMÍLIA DOS SANTOS PACHECO	14
OS ÍNDIOS E A FAZENDA QUATRO IRMÃOS.....	16
A EMBOSCADA DOS TRÊS SÊRROS (CERROS).....	20
DAVID DOS SANTOS PACHECO	22
ESCRavidÃO NA FAZENDA QUATRO IRMÃOS.....	24
A VENDA DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS	27
A COLÔNIA QUATRO IRMÃOS.....	30
O MUNICÍPIO DE CAMPINAS DO SUL.....	32
CONCLUSÃO.....	36
AGRADECIMENTOS.....	37
FONTES DE PESQUISA	38

INTRODUÇÃO

De um território de uma fazenda para uma cidade próspera da região do Alto Uruguai.

Em poucas palavras é difícil descrever uma comunidade, sua formação, seu desenvolvimento e história geral.

Mas, podemos resumir o que aconteceu com Campinas do Sul, nesses mais de 60 anos de emancipação, quase 100 anos de existência como comunidade e seus mais de 180 anos da ocupação de suas terras pelos tropeiros paulistas. De uma área de indígenas e caboclos, para uma fazenda de tropeiros chamada Quatro Irmãos. Com a colonização, passou a ser conhecida por Campo Bonito, Campos Limpos e então oficialmente em 1937 Vila Oungre (nome dado em homenagem a um dos diretores da extinta *Jewish Colonization Association*, - ICA - companhia que comprou as terras onde está o atual município de Campinas em 1909, e que foi inicialmente utilizado para a colonização de judeus vindos da Europa). Depois Distrito Campinas e, finalmente em 1959, município de Campinas do Sul.

Campinas foi uma região colonizada desde meados do século XIX. Isso mesmo, desde 1854, a região conhecida na época por Campo Bonito da margem leste do Rio Passo Fundo era uma região de campo nativo, propício para a criação de gado vacum e foi através disso que surgiu a primeira colonização nas terras de Campinas do Sul. Através dos tropeiros e irmãos Dos Santos Pacheco, que ao passarem pelo local e visualizarem esses lindos campos, tomaram posse deles e transformaram numa imensa estância, chamada Fazenda Quatro Irmãos.

A partir daí muita coisa aconteceu nesta fazenda, o que passaremos a analisar com detalhes e, somente após a morte desses fazendeiros, é que seus herdeiros e sucessores, acabaram vendendo as terras para a empresa colonizadora

ICA, para ser área de assentamento de famílias judaicas perseguidas no leste europeu e Ásia.

Na prática, essa parte do território (hoje Campinas do Sul) foi local onde pouquíssimos judeus viveram. Eles habitaram mais a região do atual município de Quatro Irmãos, Barão Hirsch (Jacutinga) e Baronesa Clara (Erebango). Depois muitos deles mudaram-se para Erechim e outras regiões da grande Porto Alegre.

Já no final dos anos de 1920, início dos anos 30, até os anos 50, houve a colonização da região pela maioria de imigrantes europeus, de etnia italiana, vindos da Serra gaúcha, e por alemães e poloneses também. No local, como já vimos acima, antes desses imigrantes ou seus filhos virem para a região, ela era muito pouco habitada, por ser uma fazenda de grande extensão territorial (mais de 90 mil hectares) e nela havia apenas algumas famílias de caboclos e de crioulos, e alguns posseiros autorizados ou não, pelos antigos proprietários que viviam espalhados na vasta fazenda. No mais, era uma imensidão de mata virgem e de terras de campo para criação de gado, divididas em várias invernadas (Campo do Meio, Invernada do Pampa, Invernada dos Tordilhos, Invernada dos Pinheiros Altos, Capão Grande, Invernada do Carafá, Invernada do Veado, Invernada dos Três Cerros, Rincão das Creoulas, entre outras). Índios nessa época (1920) não havia mais.

Então, com a vinda dos colonizadores pela abertura da Cia colonizadora ICA, que, na tentativa frustrada de colonizar a região com judeus, loteou, arrendou e posteriormente vendeu essas áreas, ocorrendo assim, uma maior exploração de madeira (principalmente Araucária) e a retomada da criação de gado na vasta região de campo nativo. Os pinheiros e outras madeiras de lei na sua maioria foram comercializados pelas inúmeras madeireiras da época e os campos com gado viraram locais de plantação, inicialmente para o cultivo nos anos 1950 e 60 de trigo e arroz (esse plantado nas margens do antigo Rio Passo

Fundo) e milho e soja a partir dos anos 70, tornando o município um dos maiores produtores desses cereais na região do Alto Uruguai.

Hoje, Campinas do Sul, com uma área de 261.321 km² e uma população estimada de 5.600 habitantes, além de grande produtora de cereais, também é uma forte criadora de aves e suínos e bacia leiteira, o que faz do seu comércio e indústria local uma importante fonte de renda de seus habitantes, atingindo um PIB elevado e destacando-se assim ainda mais na região do Alto Uruguai.

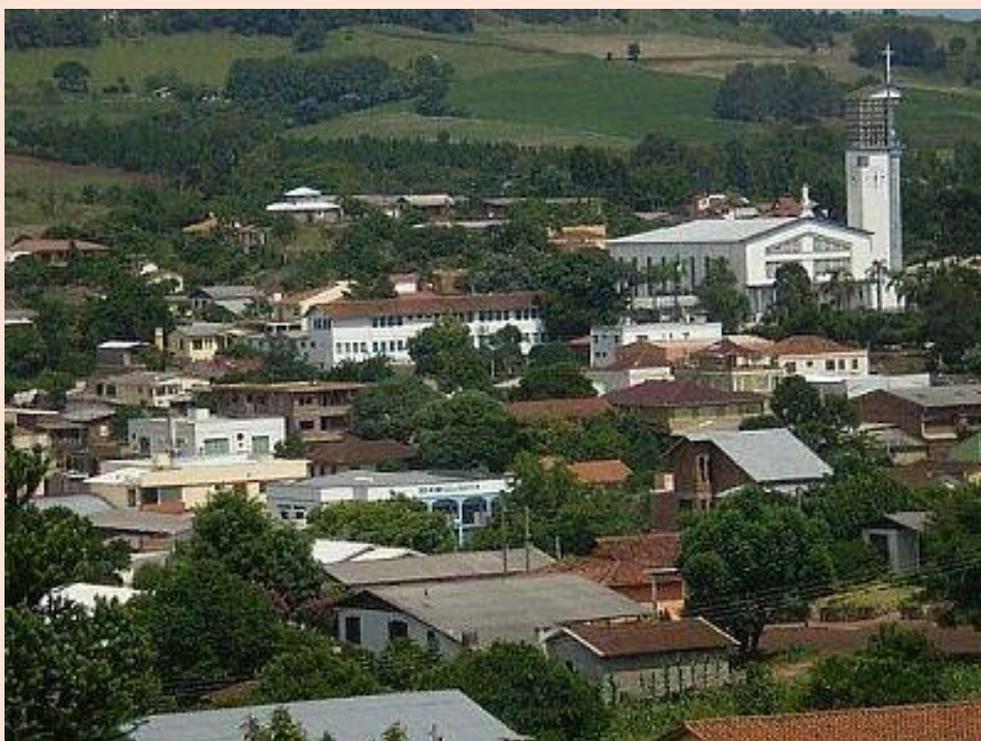


FIGURA 1. VISTA DO CENTRO DA CIDADE DE CAMPINAS DO SUL

(FONTE: ACERVO PESSOAL DO AUTOR)

A PRIMEIRA OCUPAÇÃO

Falar da primeira ocupação é falar da ocupação das Américas pelos primeiros povos. Sim, nas terras de Campinas viviam os índios guaranis e mais tarde os Kaingang.

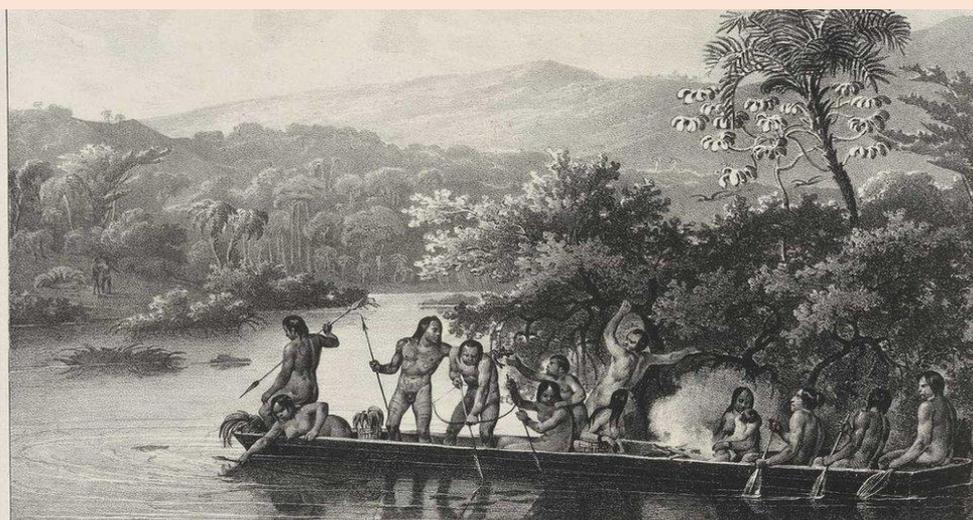


FIGURA 2. ÍNDIOS QUE HABITAVAM NA AMÉRICA DO SUL

(FONTE:BR.INTEREST.COM)

Com a chegada dos portugueses e espanhóis na parte sul da América do Sul, houve, através do Tratado de Tordesilhas (1494), a divisão das áreas entre esses colonizadores e as terras de Campinas passaram a pertencer a coroa espanhola. Mais tarde, com os bandeirantes invadindo e dominando a região e o fim do tratado, tudo passou a pertencer a coroa portuguesa.

Através do Tratado de Madri (1750) Portugal e Espanha dividem novamente as áreas ao sul do Brasil e Portugal entrega a colônia de Sacramento (hoje Uruguai) aos espanhóis em troca de parte do Estado do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e Paraná, incluindo as reduções jesuíticas que estavam dentro do território gaúcho (Sete Povos das Missões). Com isso, os bandeirantes

expulsam os jesuítas espanhóis e massacram os índios guaranis que ali habitavam, espalhando pelos campos do Rio Grande o gado vacum que eles criavam.



FIGURA 3. CAMPOS GAÚCHOS OCUPADOS PELO GADO APÓS O FIM DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS

(FONTE: PORTALDASMISSOES.COM)

Com o passar dos anos, o gado foi procriando nos campos missioneiros e expandindo pela província de São Pedro, chegando até o campo bonito do lado leste do Rio Passo Fundo, hoje a região de Campinas do Sul. Esse ambiente tranquilo, em harmonia com os indígenas que viviam na região, terminou quando os mercadores e tropeiros paulistas começaram a passar pela região para chegar até a colônia de Sacramento, no Rio do Prata. Com a descoberta da passagem do Goiô-En em 1839, os Tropeiros paulistas viram um encurtamento da distância para chegar aos campos missioneiros, chamando essa região norte do Rio Grande de São Pedro, de Rota das Missões. Assim, com essa abertura da Rota das Missões, chegaram à região de Nonoay e também do lado leste do Rio Passo Fundo. Nessa

região, especificamente, tomaram posse das terras em 1854 os irmãos Santos Pacheco. Tropeiros, mercadores e com vasto poderio econômico e políticos, os irmãos Santos Pacheco trataram de ocupar a vasta área de mais de 90 mil hectares e fundaram a FAZENDA QUATRO IRMÃOS, em homenagem a si mesmos, proprietários e irmãos, José Gaspar, Clementino, David e Antônio dos Santos Pacheco.

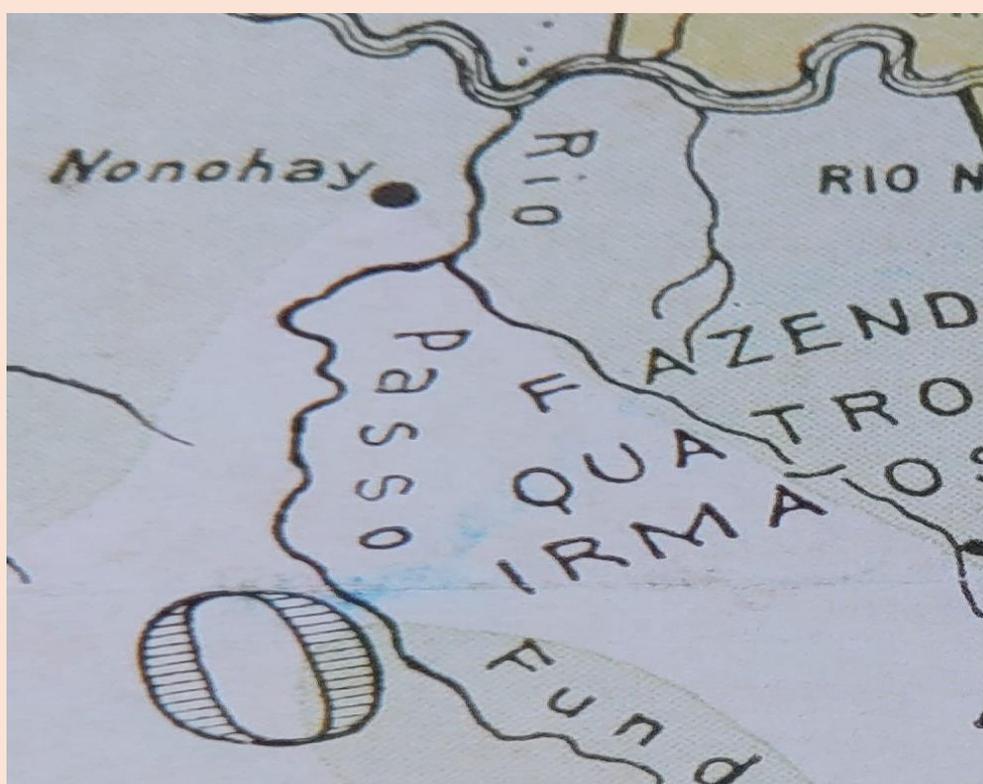


FIGURA 4. MAPA INICIAL DA COLONIZAÇÃO DA REGIÃO NORTE AO SUL DO GOIÔ-EN 1880

(FONTE: BERCHOREN, 1989)

LOCALIZAÇÃO DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS

Para melhor compreendermos essa história, é importante sabermos onde ficava e onde seria hoje a Fazenda Quatro Irmãos. Muito confundida atualmente com o município de Quatro Irmãos, devemos ressaltar alguns pontos importantes.

Adquirida através da posse, essa fazenda, na época dos irmãos Dos Santos Pacheco, tinha uma área total de 91.863 hectares. Entre os Rios Passo Fundo e Erechim e se assemelhava com um triângulo. Os mapas da época dos irmãos Pacheco, são os que a historiografia mostra nos livros, apenas sem delimitar, mas demonstrando onde era essa imensa fazenda como vimos na **Figura 4**.

Após a venda desta área para a empresa colonizadora judaica ICA em 1909, aumentaram sua área em mais 2.122 hectares, perfazendo assim um total de 93.985 hectares, e elaboraram um mapa com as confrontações e divisões por invernadas, mantendo os mesmos nomes que os irmãos Dos Santos Pacheco deram à época, como podemos ver na **Figura 5**. Para melhor entendermos onde fica hoje essa imensa fazenda, projetamos o mapa (**Figura 6**) sobre os municípios que se localizam na região e conseguimos assim ter uma ideia melhor das dimensões dessa estância.

Desta forma, como podemos visualizar nos mapas acima, a fazenda compreendia uma vasta área. Na época dos irmãos Dos Santos Pacheco era um pouco menor e abrangia seis municípios hoje. Já no período da ICA, projetada no mapa atual, abrangia oito municípios da região do Alto Uruguai.

Devemos separar, vendo os mapas, duas épocas distintas. A ocupação nos tempos dos irmãos Dos Santos Pacheco e a colonização no período da empresa ICA.

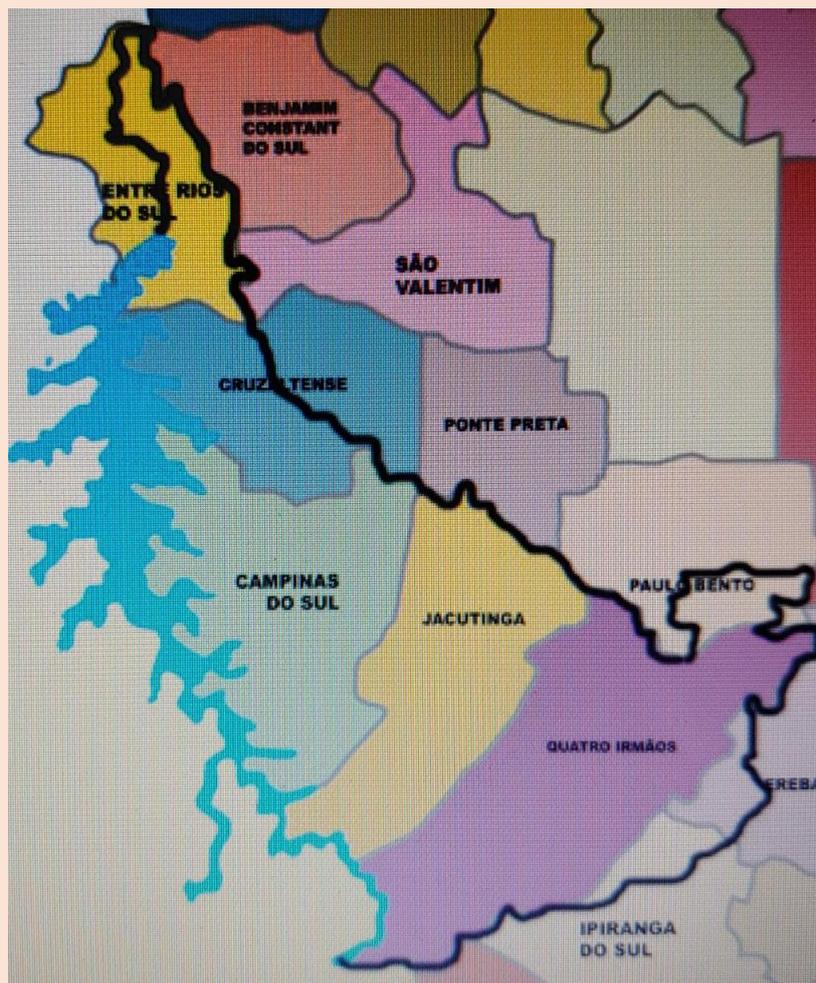


FIGURA 6. DELIMITAÇÕES DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS NO MAPA DE HOJE NO ALTO URUGUAI

(FONTE: ELABORADO PELO AUTOR)

A fazenda era dividida por invernadas, e cada uma delas, por ser de grande extensão, possuía uma subsede, com casas, mangueiras e moradores. As principais invernadas eram: Campo do Meio, Invernada do Pampa, Invernada dos Tordilhos, Invernada dos Pinheiros Altos, Capão Grande, Invernada do Carafá, Invernada do Veado, Invernada dos Três Cerros, Rincão das Creoulas e Santa Paolina. A sede principal da Fazenda Quatro Irmãos não era onde encontra-se hoje a cidade com o mesmo nome, mas sim nas áreas de campo próximo ao Rio Passo Fundo, mais ao sudoeste do mapa das **Figuras 5 e 6**.



FIGURA 7. FOTO DAS ÁREAS DE CAMPO NATIVO (CAMPO BRUTO) NA REGIÃO DE CAMPINAS DO SUL
(FONTE: ACERVO DO CTG RODEIO DA QUERÊNCIA DE CAMPINAS DO SUL)

Vale ressaltar que a maioria dessas invernadas delimitadas desde a época dos irmãos Dos Santos Pacheco existem até hoje com o nome de comunidades do interior dos municípios, e a maioria situa-se nas áreas de abrangência do município de Campinas do Sul.

Posteriormente, após a aquisição da fazenda pela empresa colonizadora ICA, em 1909, a área foi aumentada em virtude da ligação férrea com a comunidade de Erebango, e toda sua extensão de terras, os 93.985 hectares, foram loteados para os imigrantes, tanto judaicos, como italianos, alemães e poloneses, bem como portugueses e caboclos que já viviam na região. Através destas colonizações foram surgindo novas vilas e comunidades, o que fez surgir os municípios da região atual, conforme **Figura 6**.

FAMÍLIA DOS SANTOS PACHECO

Era uma família tradicional de São Paulo e posteriormente do Paraná, após a emancipação daquele Estado. Os quatro irmãos eram filhos de Manuel dos Santos Pacheco, que foi capitão de Ordenanças, e eram netos de José dos Santos Pacheco Lima, um imigrante português ligado a coroa e nomeado juiz de direito pelo imperador no Brasil. Os irmãos Dos Santos Pacheco residiam na sua maioria em Lapa no atual Estado do Paraná.

O mais velho, José Gaspar dos Santos Lima (1804-1862), era juiz de direito como seu avô. Formado na primeira turma da Universidade de São Paulo (USP), foi nomeado juiz em São Borja, Cruz Alta e posteriormente em Minas Gerais.

O segundo, Clementino dos Santos Pacheco (1806-1856), era tropeiro e comerciante. Foi morto dentro da Fazenda Quatro Irmãos, na invernada conhecida como Três Sêrros (Cerros) local que ainda existe até hoje e que passaremos a ver num capítulo à parte.

O terceiro, David dos Santos Pacheco (1810-1893), talvez seja o mais importante para o estudo da Fazenda Quatro Irmãos. Ajudou na emancipação da Província do Paraná que pertencia à Província de São Paulo na época, tornando-se o primeiro Vice-Presidente do Paraná (cargo similar a vice-governador hoje). Ganhou prestígio como comerciante de gado vacum e muares, ampliando suas posses e tornando-se um dos maiores tropeiros do Brasil no século XIX. Participou ativamente da Guerra do Paraguai, e organizou um batalhão de voluntários por conta própria. Por esses feitos, recebeu o título de Barão dos Campos Gerais.

E o quarto irmão, Antônio dos Santos Pacheco, tropeiro e Sargento Mor da Guarda Nacional, foi o único dos quatro irmãos a estar vivo na transmissão da propriedade da fazenda à colonizadora inglesa *Jewis Colonization Association (ICA)* em 1909.



FIGURA 8. INTEGRANTES DA FAMÍLIA DOS SANTOS PACHECO SEM A IDENTIFICAÇÃO DAS PESSOAS

(FONTE: GENI.COM)

OS ÍNDIOS E A FAZENDA QUATRO IRMÃOS

Como todo o início de ocupação naqueles tempos, esta não foi nada pacífica também. Os irmãos e tropeiros Dos Santos Pacheco, ao cruzarem o Goiô-En em 1854 e demarcarem para si a área da fazenda, logo encontraram o primeiro obstáculo: como fazer para retirar os índios Kaingang (chamados de coroados pelos portugueses, pois usavam uma coroa de penas na cabeça) que habitavam a região desde a abertura da nova rota para as missões em 1839? E isso não foi nada fácil e nem pacífico, tanto é que vidas se perderam por esse motivo, inclusive de integrantes da família Dos Santos Pacheco.

Neste caso específico está inserida a figura do índio Vitorino Condá. Sim, o famoso índio conhecido nas histórias e feitos na região de Chapecó e que viveu tempos nessas coxilhas, inclusive sendo acusado da morte de Clementino dos Santos Pacheco, na invernada Três Cerros da Fazenda Quatro Irmãos.



FIGURA 9. MONUMENTO AO CACIQUE VITORINO CONDÁ EM CHAPECÓ

(FONTE: ACERVO PESSOAL DO AUTOR)

O índio Condá já conhecia os irmãos Dos Santos Pacheco do Paraná, onde os mesmos testemunharam num processo judicial movido contra o cacique, acusado de atacar caravanas de tropeiros nos caminhos a Sorocaba, SP.

Condá, que pertencia a tribo do cacique Kaingang Condói, nos campos de Guarapuava, tornou-se um líder entre seus povos na região. Exímio cavaleiro, deslocava-se rapidamente percorrendo grandes distâncias, e conhecia bem a região sul, seus campos, matas e rios, principalmente onde passavam as caravanas dos mercadores e tropeiros.

Em 1844, para fugir ainda mais de acusações e de um processo que corria contra ele em Palmas, e para evitar sua prisão, resolveu aceitar a proposta do filho do comandante do presídio de Guarapuava, Rocha Loures, e partiu nessa caravana para abrir um novo caminho para as missões, saindo de Palmas até Cruz Alta. Na época, pouco se sabia da região norte da província de Rio Grande de São Pedro, e somente que a presença de povoamento e habitações de brancos praticamente era inexistente.

Na verdade Rocha Loures precisava de Condá para a empreitada, pois os ataques pelos índios com a presença deste cacique dificilmente ocorreriam, e esse era o principal objetivo, visto que os Kaingang eram índios que não aceitavam pacificamente a invasão e reagiam com violência atacando as caravanas que passavam. Além disso, havia o cacique Nonoay na região, que era considerado um homem destemperado.

A importância da abertura deste caminho, além de diminuir a distância entre as regiões, abria picadas para acessar locais novos, o que propiciava novas áreas aos criadores de gado paulistas e também desviavam o caminho do município de Lages, SC, conhecido por cobrar altos impostos dos mercadores e tropeiros.

A abertura da picada entre as regiões deu-se de forma pacífica até os campos de Nonoay, onde imperavam as ordens do cacique do mesmo nome. Isso é, com

a interferência de Condá, a passagem da comitiva abrindo caminhos aconteceu sem conflitos, e ao retornarem para Palmas, Vitorino resolveu permanecer no aldeamento Nonoay e viver uns tempos na região.

E é nesse instante que começa a surgir os conflitos pela área da Fazenda Quatro Irmãos. O alferes Clementino dos Santos Pacheco tentou a expulsão dos indígenas da região. Por ser irmão e sócio do juiz de direito José Gaspar dos Santos Lima, usou de sua força política para retirada dos indígenas, fazendo que com as reclamações dos nativos não fossem ouvidas e não resultassem em efeitos positivos para eles. A tática empregada fora a mesma usada no Paraná: recrutar os caciques e os índios mais influentes oferecendo-lhes soldos para depois usá-los como “bugreiros” contra outras tribos para expulsá-las ou aldeá-las em toldos pré-estabelecidos na região da grande Nonoay.



FIGURA 10. BUGREIROS QUE ATUAVAM NOS CAMPOS DO SUL DO BRASIL
(FONTE: CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO)

Aqui vale lembrar que bugreiro era o indivíduo especializado em atacar, retirar ou exterminar indígenas brasileiros. Eram contratados pelos governos imperiais das províncias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. O termo se origina da palavra bugre, como eram conhecidos os índios do sul do Brasil.

É claro que a condição financeira e a proximidade com a coroa tornaram a família Dos Santos Pacheco muito poderosa na época, o que facilitava a posse das áreas para posteriormente requerem os títulos das mesmas.

Os acontecimentos com os Kaingang em todo o Alto Uruguai e Nordeste do Estado continuaram em 1854, e vendo que suas reivindicações não eram atendidas, Pedro Necafi, genro do Cacique Condá, atacou uma das sedes da Fazenda Quatro Irmãos fechando a mesma, desmanchando a mangueira construída por Clementino dos Santos Pacheco nos seus campos, bem como incendiando a casa, atropelando animais invernados ali, inclusive matando alguns, e trancando a estrada do campo com uma cerca de tronqueiras falquejadas. A informação é do próprio Pacheco, que se queixou do fato ao Diretor de Nonoay por ofício em 19 de outubro de 1854.

Devido as tribos Kaingang não conviverem juntas e possuírem várias desavenças, o que gerava brigas, ataques e mortes entre si, o governo partiu para a prática de recrutar vários caciques para o serviço de bugreiros. Isso fez com que Condá e seu genro Pedro Nicafi começassem a ficar contra o projeto, pois além de estarem lutando contra os seus pares, existia as desavenças com Clementino dos Santos Pacheco, desafeto de Condá, que fora testemunha no processo contra ele, lá no Paraná. É importante observar que o tropeiro e fazendeiro Clementino não residia na fazenda Quatro Irmãos. Somente passou a morar nela a partir da nova rota aberta para as Missões, o que proporcionou um grande fluxo de pessoas, gado e mercadorias e inclusive valorizou as terras para futuros negócios.

A EMBOSCADA DOS TRÊS SÊRROS (CERROS)

Esse talvez seja um dos capítulos mais decisivos na expulsão dos índios da fazenda Quatro Irmãos. A emboscada e morte de Clementino dos Santos Pacheco, um dos irmãos proprietários da Fazenda.

Ainda em 1854, após os episódios de destruição de uma das sedes de uma invernada da fazenda, dois índios e o capitão Antonio foram a capital queixar-se ao Presidente da Província, que Clementino dos Santos Pacheco havia se apossado de uns campos que pertenciam a eles e esperavam providências. Não obtendo retorno do governo da província, Pedro Necaí e seu grupo em janeiro de 1856 preparam uma tocaia e foram a invernada dos Três Cerros, na Fazenda Quatro Irmãos e se embretaram num mato próximo da sede. Sabedor desse feito, Clementino se dirigiu a este local para negociar com os índios e num ato de gentileza convidou-os para almoçar. Aproveitando-se da oportunidade, os índios atacaram a comitiva conforme relatado no livro tombo da Igreja Nossa Senhora da Conceição em Cruz Alta. “No sossego da mesa e quando cada um dos que deviam morrer estava com seu algoz ao lado, houve um sinal do assalto, seis infelizes ali tombaram transpassados de inúmeros golpes. No conflito puderam escapar do punhal monstro, a mulher do capataz, três crioulinhos menores e um negro criado.”

Assim, o grupo de dez homens e cinco mulheres Kaingang chefiados por Pedro Nicaí mataram o fazendeiro Clementino (47 anos), seu filho Manoel Pacheco (16 anos), seu sobrinho José Pacheco Carvalho (31 anos) que era filho do juiz José Gaspar, seu capataz José Antônio (45 anos), o filho deste de 18 anos e um escravo de Clementino, chamado Juan.



**FIGURA 11. INVERNADA DOS TRÊS CERROS NA FAZENDA QUATRO IRMÃOS DA FAMÍLIA SANTOS PACHECO
(FONTE: ACERVO DA FAMÍLIA FRACARO – CAMPINAS DO SUL)**

Desencadeou-se assim, após este episódio, uma caçada aos índios do grupo de Nicafi. Inicialmente acusaram também o cacique Condá, que logo foi inocentado por estar naquele dia em outro local. Mas Nicafi e parte de seu bando, foram perseguidos e presos com a ajuda da força nacional e de bugreiros. Trinta índios foram presos e Nicafi, seu irmão e mais dois líderes do grupo foram executados sumariamente. Após esses acontecimentos, o índio Condá retira-se desta região.

DAVID DOS SANTOS PACHECO



FIGURA 12. DAVID DOS SANTOS PACHECO

(FONTE: GAZETA DO POVO)

Esse, o Barão dos Campos Gerais, foi o mais importante dos irmãos Dos Santos Pacheco. Inteligente e perspicaz, muito jovem fez fortuna e entrou para a política. Fundador de partido, emancipador do Estado do Paraná e primeiro vice-presidente daquela Província, era amigo de Dom Pedro II, obtendo muitas vantagens financeiras e políticas com isso, embora tivesse ideias abolicionistas.

Tudo iniciou quando percebeu que sua terra Natal (Lapa) era caminho dos tropeiros entre o Rio Grande do Sul e Sorocaba, SP. Tornou-se tropeiro desde jovem e fez fortuna e respeito quando ao adquirir posses de terras no Paraná, São Paulo e no Rio Grande do Sul (Fazenda Quatro Irmãos), usando suas áreas para que as comitivas que por ali passassem, realizassem paradas de descanso e engorda de animais nas instalações de suas fazendas.

Aqui a importância da Fazenda Quatro Irmão ganhava cada vez mais prestígio, pois no primeiro trecho desta viagem os animais perdiam peso e desvalorizavam-se por conta disso. Assim, ganhou fama como comerciante de gado vacum e muares, ampliando suas posses, tornando-se um dos maiores tropeiros do Brasil no século XIX. Com esse prestígio todo como comerciante de gado, foi para a política. Fundou o partido Liberal e exerceu cargos por nomeação e eletivos também. Foi presidente da Câmara Municipal de Lapa e depois deputado provincial (Estadual hoje). Depois trabalhou arduamente para a emancipação da Quinta Comarca de São Paulo (Estado do Paraná), no biênio

1854/1855, onde exerceu o cargo de vice-presidente do Paraná, no primeiro mandato daquela província.

Foi comandante da Guarda Nacional em Curitiba durante a Guerra do Paraguai e organizou um batalhão de voluntários com aproximadamente 100 soldados que foram fardados e equipados às suas próprias custas, inclusive fornecendo mais de 100 cabeças de gado para manter as forças do Rio Grande do Sul durante a guerra. Gado este, oriundo da sua Fazenda Quatro Irmãos. Pelos seus feitos na Guerra, recebeu o título de Barão dos Campos Gerais em 1880, após uma visita do imperador Dom Pedro II a sua casa, em Lapa.

Mas o feito mais importante que este realizou foi ser o pioneiro na alforria de seus escravos nas suas três fazendas, uma delas a Fazenda Quatro Irmãos, em 1880. Foi o primeiro caso de libertação da escravidão em massa por conta própria em fazendas do Brasil, antecedendo em oito anos a Lei Áurea assinada pela princesa Isabel, em 1888.

Além do título de Barão dos Campos Gerais, e ter sido um dos precursores da soltura (alforria) em massa de escravos no Brasil, David também recebeu em vida a honraria de ser Oficial da Imperial Ordem de Rosa. Era casado com Ana Pacheco de Carvalho e teve uma filha, Maria Coleta dos Santos Pacheco, que foi casada com Manuel Alves de Araújo, importante político brasileiro na era imperial.

ESCRAVIDÃO NA FAZENDA QUATRO IRMÃOS

Esse capítulo merece um destaque pela importância histórica que detém. Primeiro, porque praticamente não se fala em escravidão na região do Alto Uruguai. Ou pelo menos não se tinha notícias de utilização de escravos nestes locais. Segundo, pela importância histórica que ocorreu na região de Campo Bonito da Fazenda Quatro Irmãos, antes da abolição da escravatura.

Primeiro há que se falar da existência de escravos na fazenda. Sim, os irmãos Dos Santos Pacheco possuíam escravos em suas fazendas. Tanto que, no dia do assassinato de Clementino, foram mortos com ele mais seis pessoas, sendo que uma era seu escravo, o Juan, sem idade registrada na época. E no mesmo registro feito pela Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Cruz Alta, consta os sobreviventes. “No conflito, puderam escapar ao punhal monstro, a mulher do capataz, três crioulinhos menores e um negro criado.” Aqui, usa-se a expressão crioulos ou crioulinhos no caso das crianças, que eram os negros escravos nascidos no Brasil (filhos de escravos africanos) e negro criado era o negro escravo que fazia as atividades mais domésticas ou nos arredores da sede da fazenda.

Há também os registros do inventário do Clementino. “Que o mesmo era um fazendeiro poderoso, que detinha muitas posses de campos, muitas tropas de gado e ainda 15 escravos” (Inventários número 36, março 1, 1856 – APERS)

Outro fato importante passamos a relatar no dia em que David dos Santos Pacheco recebe a comitiva real no seu solar em Palmas. Era 31 de maio de 1880 e nela estavam o imperador Dom Pedro II, Dona Teresa Cristina, além de nomes importantes como o almirante Tamandaré e o presidente da província do Paraná, Sousa Dantas. Na qualidade de hospedeiro do monarca, comentou ao imperador a pressão que estavam sofrendo quanto à questão da escravidão, e que isso estava se tornando insustentável e prejudicando o reinado de Dom Pedro II.

David comemorou esse feliz ato, de receber toda a comitiva, alforriando todos os escravos que possuía em suas três fazendas, uma das quais a Fazenda Quatro Irmãos pertencente à Passo Fundo na época, e as outras nos municípios de Rio Negro, PR, e Itapetininga, SP. Com isso, David dos Santos Pacheco antecedeu em oito anos a própria Lei Áurea, tornando-se um dos pioneiros da abolição da escravatura no Brasil.

Após esse ato, como ocorreu posteriormente após a promulgação da lei Áurea, os ex escravos ficaram jogados pelas fazendas ou cidades onde viviam. Se organizavam em guetos ou moravam em matas perto de sangas, ou até mesmo passaram a viver nos subúrbios das cidades, fazendo surgir os primeiros casos de favelas no Brasil. E na Fazenda Quatro Irmãos não foi diferente. Libertos, após serem alforriados, os negros da fazenda se juntaram e passaram a viver na beira de uma sanga num capão que passou a ser denominado Rincão das Creoulas, e a sanga recebeu o nome de Sanga das Creoulas. No mapa da Colonizadora ICA, aparece a demarcação onde era esse Rincão. **(Figura 5)**.

Já nos anos de 1940 a mesma área pertencia a Vila Oungre, hoje Campinas do Sul, e recebeu do município mãe, Erechim, uma escola na comunidade que era chamada de Passo das Creoulas, em virtude de estar próximo a sanga onde havia uma passagem com pedras e onde as mulheres negras que ali viviam lavavam suas roupas. A escola construída pelo município de Erechim, foi batizada de Escola Henrique Dias, em homenagem ao militar negro nascido no Brasil colonial e filho de escravos africanos libertos, no século XVII.

Henrique Dias foi um herói da Batalha dos Guararapes da Insurreição Pernambucana, considerado o primeiro negro brasileiro letrado. Recebeu o título de fidalgo e é considerado um dos heróis da Pátria brasileira.



**FIGURA 13. ANTIGA ESCOLA HENRIQUE DIAS, NO PASSO DAS CREOULAS, INTERIOR DE CAMPINAS DO SUL
(FONTE: ARQUIVO HISTÓRICO DE ERECHIM, RS)**

Após as áreas deste local terem sido vendidas para madeireiras e revendidas aos colonizadores italianos, os “crioulos” (negros) que viviam nessas terras acabaram por abandonar o local no final dos anos 1950 e foram morar em municípios da região. Hoje não existe mais nenhum descendente de escravo nesse local e a comunidade apenas preserva o nome de Linha Creoula, como herança da época em que os mesmos viviam na região.



**FIGURA 14. HENRIQUE DIAS, MILITAR NEGRO DO BRASIL COLONIAL
(FONTE: PRIMEIROSNEGROS.COM)**

A VENDA DA FAZENDA QUATRO IRMÃOS

Esse capítulo passa a dividir a história da fazenda entre os tempos do Brasil colônia e dos irmãos Dos Santos Pacheco, e os tempos da ICA e dos imigrantes europeus e, posteriormente o surgimento das cidades no Alto Uruguai.

Tudo começa na Europa, Inglaterra, com a fundação da colonizadora *Jewish Colonization Association* conhecida por ICA, pelo judeu banqueiro e milionário Moritz Von Hirsch, ou Maurice de Hirsch, o Barão Hirsch, que, ao financiar obras férreas na região de Viena na Áustria, teve contato com os judeus daquela parte da Europa e ficou espantado com o que ocorria com aquele povo do Império Otomano (Turquia). Muita pobreza, ignorância e menosprezo. Com isso ele inicia uma ajuda aos judeus daquela região antes mesmo da criação da ICA.



FIGURA 15. BARÃO MAURICE DE HIRSCH

(FONTE: PICTORIAL PRESS LTD)

Em 1881 o Barão empenha-se em ajudar os judeus russos e do leste europeu e Ásia, devido ao antissemitismo existente na Rússia, fazendo com que esses povos fossem constantemente perseguidos, discriminados e até massacrados.

Assim surge a ICA, em 1891, com objetivo de assistir e promover a emigração dos judeus de qualquer parte da Europa ou Ásia, e formar e estabelecer colônias em várias partes do norte e sul da América. Então, o Barão Hirsch, através da ICA, começou suas atividades levando judeus inicialmente para a Argentina. Mesmo após a morte do Barão Hirsch, em 1896, a *Jewish Association Colonization* continua suas atividades, levando judeus para Nova Iorque e Canadá, e depois trazendo os judeus para o Brasil em 1904. Primeiro em Santa Maria com a colônia Filipson e posteriormente, com a compra da Fazenda Quatro Irmãos em 1909, estabelece a segunda colônia no país.



FIGURA 16. SEDE DA ICA NA COLÔNIA QUATRO IRMÃOS

(FONTE: MUSEU JUDAICO DE PORTO ALEGRE)

A fazenda Quatro Irmãos foi comprada em 1909 dos herdeiros e sucessores dos irmãos Dos Santos Pacheco. Herança do conselheiro Manuel Alves de Araújo, representado pela viúva Inventariante Dona Maria Colecta dos Santos Araújo e filha do Barão dos Campos Gerais; pelo Dr. Victor Ferreira do Amaral e Silva, por si e seus filhos menores Homero e Noêmia Ferreira do Amaral e sua esposa; por Manoel Severiano Maia e sua esposa Clementina Pacheco Maia; por Cândido

Severiano Maia e sua esposa Amália Pacheco Maia; e por Antônio dos Santos Pacheco, único dos quatro irmãos vivos no ato da assinatura da escritura, e sua esposa Ernestina da Rocha Pacheco. Documento lavrado em Porto Alegre em 24 de novembro de 1909 e transcrita no Cartório de Registro de Imóveis de Passo Fundo em 15 de julho de 1911.



**FIGURA 17 - VILA DA COLÔNIA QUATRO IRMÃOS, HOJE MUNICÍPIO DE QUATRO IRMÃOS
(FONTE: MUSEU JUDAICO DE PORTO ALEGRE)**

Junta-se a essa compra mais uma área adquirida de 2.120 hectares, sendo parte desta do governo do Estado (1.689,85 ha) e o restante, da fazenda de propriedade de Henrique José Wiederspanh, totalizando a área de 93.985 hectares e cria-se assim, a Colônia Quatro Irmãos.



FIGURA 18. JUDEUS NUM COLÉGIO DA COLÔNIA QUATRO IRMÃOS

(FONTE: MUSEU JUDAICO DE PORTO ALEGRE)

A COLÔNIA QUATRO IRMÃOS

A partir daqui começa a imigração de judeus para a colônia Quatro Irmãos e surge a Vila de Quatro Irmãos. Também surge a construção de uma ferrovia ligando à vila de Erebangó, ao sul com o centro do Estado e à capital gaúcha, e ao norte com o centro do país.

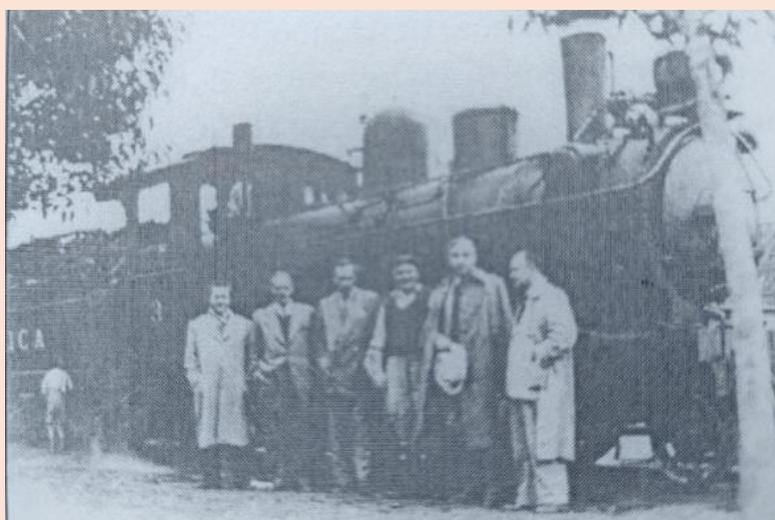


FIGURA 19. TREM DA COLÔNIA QUATRO IRMÃOS

(FONTE: MUSEU JUDAICO DE PORTO ALEGRE)

A colônia Quatro Irmãos possuía além de linha férrea, cartório, hospital, um forte comércio, e algumas indústrias. Ocorre que os judeus trazidos para a colônia na prática não se adaptaram ao trabalho rural, ao fato da ICA lhes cobrar as áreas em que foram assentados e a baixa produtividade que alcançavam nelas e que só aumentava o endividamento destes com a empresa colonizadora. Mesmo sendo criadas mais duas colônias dentro da vasta área da companhia, a Colônia Barão Hirsch e a Colônia Baronesa Clara, não foi o suficiente para manter os colonos erradicados na agricultura na região, e eles começam a deixar os lotes e migrar

para outros centros, como a capital Porto Alegre e o recém-criado município de Erechim. Outros retornaram para a Europa e alguns mais tarde foram viver no novo país judaico (Israel), que a Organização das Nações Unidas (ONU) havia criado no pós-guerra. Poucos permaneceram nas áreas da Colônia Quatro Irmãos, como criadores de gado, e alguns de seus herdeiros ainda vivem nesses locais até hoje.



FIGURA 20. HOSPITAL DA COLÔNIA QUATRO IRMÃOS
(FONTE: PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE QUATRO IRMÃOS)

Devido a estas tentativas de trazer os judeus para a nova colônia, em duas grandes levas de imigrantes, e ao fato de não conseguirem manter os mesmos na região, fez com que a ICA, que inicialmente arrendava suas áreas para os imigrantes europeus, começasse a fracionar e vender suas terras, criando povoados novos, que posteriormente alguns viraram cidades do Alto Uruguai. A colonizadora ICA se retira da região em definitivo no ano de 1962.

O MUNICÍPIO DE CAMPINAS DO SUL

No final de 1920, início de 1930 surgem as primeiras levas de imigrantes europeus vindos na sua maioria da região da Serra Gaúcha. Italianos, alemães e poloneses que aos poucos foram abrindo as matas, montando serrarias, comércios e lavouras. Outros, foram adquirindo os campos da antiga Fazenda Quatro Irmãos e dedicando-se a criação de gado, assim como fizeram os irmãos Dos Santos Pacheco no século XIX.



FIGURA 21. IMIGRANTES EUROPEUS OCUPANDO AS ÁREAS DA REGIÃO DOS PINHAIS
(FONTE: ARQUIVO HISTÓRICO DE ERECHIM RS)

Nesse progresso regional surge a comunidade de Campo Bonito, Campo Limpo e Terra das Campinas, devido a vasta área de campo nativo com parte das terras encobertas por *Araucárias brasiliensis*, conhecido como pinheiro nativo e que está estampado no brasão da bandeira do município de Campinas do Sul, conforme a **Figura 26**.



FIGURA 22. VILA OUNGRE, HOJE CAMPINAS DO SUL, NO FINAL DOS ANOS 1930

(FONTE: FOTO COPPINI, CAMPINAS DO SUL)

Em 1937 a comunidade passa a se chamar Vila Oungre, em homenagem ao ex-diretor da ICA, Louis Oungre. Após 1951 passa a ser distrito de Erechim com o nome de Campinas e, em 1959, é emancipada com o nome de Campinas do Sul. O que vale ressaltar que a existência da empresa colonizadora *Jewish Colonization Association* em Campinas do Sul foi de suma importância. Sem ela provavelmente não haveria a comunidade de hoje e também o fato de que a cidade foi toda planejada pelos engenheiros da companhia antes de sua existência. Desenhada no papel, com ruas bem planejadas, largas e posteriormente colocado em prática o projeto arquitetônico que até hoje é possível contemplar ao se visitar a cidade, conforme a **Figura 23**.



FIGURA 23. CAMPINAS DO SUL NO FINAL DOS ANOS 70

(FONTE: ACERVO PESSOAL DO AUTOR)

Campinas passou por várias mudanças em consequências do tempo. Da emancipação até hoje, desmembrou-se vários distritos de suas áreas. Primeiro foi Jacutinga, (que levou consigo a área do município de Ponte Preta), depois a perda do distrito de Vila Alegre (Entre Rios do Sul), que passou a fazer parte do município de São Valentim, e por último a vila Vera Cruz, chamado posteriormente de Distrito Cruzaltense e hoje município de Cruzaltense. Vale observar aqui que a maioria dos campos inicialmente ocupados pelos irmãos Dos Santos Pacheco estavam em sua área territorial, e com as emancipações ficaram divididos entre os municípios limítrofes.

Nos anos de 1960 e 70 houve uma migração para fora do município. Muitos descendentes de imigrantes europeus com famílias grandes, passam a enxergar futuros mais prósperos em regiões novas que eram colonizadas no Brasil, dirigindo-se para o oeste catarinense, sudoeste paranaense e mais tarde Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Hoje pode-se encontrar os filhos de sul-campinense em praticamente todos os Estados da Federação.

Atualmente, possui uma área de 261.321 km² e uma população estimada de 5.600 habitantes, na sua maioria descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses, e também de caboclos. Os poucos crioulos que havia no interior foram miscigenando-se com outras etnias e não são mais identificados na atualidade.

O Rio Passo Fundo não existe mais na região oeste do município como rio, mas sim como um grande lago de uma usina hidrelétrica, cuja área alagada está na sua maioria nas terras de Campinas do Sul, embora a produção de energia situe-se no município de Entre Rios do Sul. Este lago, além de ser utilizado para a produção de energia elétrica, é fonte de lazer para os moradores que o utilizam para acampamentos em suas margens, esportes náuticos e também a pesca.



FIGURA 24. RIO PASSO FUNDO, NOS ANOS 1960.
(FONTE: PASSO FUNDO, O RIO QUE VIROU LAGO)



FIGURA 25. LAGO DA BARRAGEM HIDRELÉTRICA DO RIO PASSO FUNDO ATUALMENTE
(FONTE: ACERVO PESSOAL DO AUTOR)

Na área dos negócios também houve mudanças. As madeiras foram terminando e as serrarias foram fechando. A pecuária aos poucos foi dando lugar a agricultura, por ser mais rentável, e que se modificou com o passar do tempo. De plantio de arroz e trigo dos anos de 1950, deu-se lugar ao milho e a soja no final dos anos 60 e início dos anos 70. A criação de gado para corte deu lugar a bacia leiteira e a criação de suínos e aves em grande escala. Com vocação ao agronegócio, possui várias empresas de cereais, insumos e maquinários agrícolas. Detém uma das maiores redes de bancos e cooperativas de crédito da região e possui o comércio e a indústria atrelada ao agronegócio o que é uma importante fonte de renda de seus habitantes, atingindo um PIB elevado e destacando-se assim na região do Alto Uruguai.



FIGURA 26. BRASÃO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS DO SUL

(FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS DO SUL).

CONCLUSÃO

Esse breve estudo sobre a ancestralidade das Campinas fez com que conhecêssemos melhor o município. Dos tempos do império, dos Irmãos Dos Santos Pacheco, passando pela colonização dos judeus e imigrantes europeus, até os dias de hoje.

Este trabalho pretende esclarecer alguns fatos sobre a história da região, principalmente antes da chegada da empresa colonizadora judaica (ICA), contribuir para a disseminação do conhecimento, bem como incentivar novos estudos e pesquisas para que mais informações tenhamos para elucidar o que se passou nessa região da grande Fazenda Quatro Irmãos.

Ainda há muito que se conhecer através de novas consultas e visitas a museus e bibliotecas pelo país. Através disto, teremos mais informações e subsídios para estudos futuros e aprendizado das próximas gerações.

A Ancestralidade das Campinas, bem como a história de Campinas do Sul, não para por aqui...



FIGURA 27. VISTA AÉREA DE CAMPINAS DO SUL ATUALMENTE

(FONTE: ACERVO PESSOAL DO AUTOR).

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente ao saudoso Sr. Venâncio Hugo Della Latta (in memoriam) por ter feito o primeiro resgate da história local de Campinas do Sul. Por ter me presenteado com sua obra (Campinas do Sul e sua História), e ter me pedido para que continuasse seu legado de pesquisa e publicação da história local.

Agradeço a um amigo de Caxias do Sul, Sr. Cesar Pissetti, por ter me presenteado com a obra da professora Isabel Rosa Gritti, (Imigração judaica no Rio Grande do Sul) que foi a porta de entrada dessa pesquisa que gerou esse e-book. E a ela um agradecimento especial por ter me ajudado com dicas e informações precisas e muito relevantes para que essa obra saísse como tal.

Agradeço ao CTG Rodeio da Querência de Campinas do Sul, por ter confiado a mim a pesquisa e parte de historiografia deste projeto, através dos padrões Marcelo Adona e Lucy Erthal e ao compadre Jiam Carlos Fabiane a quem me indicou tal tarefa. Aos organizadores do evento Rinaldo Souto Oliveira e Karine Curvello, e a todos que participaram da *live* “A Ancestralidade das Campinas”.

Não poderia esquecer meu amigo Salus Loch, brilhante jornalista e escritor, que deu publicidade ao ato, e espaço no Jornal e TV Bom dia de Erechim, para que pudéssemos divulgar sobre a presente obra.

Também quero agradecer a minha família, a minha esposa Aline Pimentel Gomes, que junto comigo já participou de inúmeras viagens culturais e estudos pelo mundo. Sempre disposta a aprender e entender mais o que nos cerca. Neste trabalho em especial, ela e minha concunhada Ligia Cristina Voss me auxiliaram na correção do texto e principalmente com seus conhecimentos catedráticos na estrutura deste e-book.

E por último, obrigado a todos que destinam parte do seu tempo a ler esta obra e a incentivar ainda mais a pesquisa e aos estudos sobre a história regional.

FONTES DE PESQUISA

Bibliografia

ARDENGHI, Lurdes Grolli. **A questão da terra na ocupação do Norte: caboclos, ervateiros e coronéis. República Velha (1889-1930): Méritos, 2007.**

BARROSO, Sérgio José. **Um sthtetl em apuros: A relevância da Fazenda Quatro Irmãos nos fatos históricos regionais (1812-1924).** Curso de Graduação em História, UFFS, Erechim, 2021.

BATISTELLA, Alessandro (Org.) **Passo Fundo, sua história: indígenas, caboclos, escravos, operários, expropriações, territórios, política, criminalidade, economia, produção, urbanização, sociedade, mídia, imprensa, censura, religiosidade, cultura, gauchismo e identidade.** Vol,1. Méritos editora, 2007.

BRINGMANN, Sandro Fernando. **Entre os Índios do Sul: Uma análise da atuação indigenista do SPI e de suas propostas de desenvolvimento educacional e agropecuário nos Postos Indígenas de Nonoai, RS e Xapecó, SC (1941-1967).** Programa de Pós-graduação em História, UFSC, Florianópolis, 2015.

CASALLI, Jairo Antônio. **Passo Fundo, o Rio que virou Lago.** Gráfica Berthier, Passo Fundo, RS, 2009.

CHIAPARINI, Enori José; SMANIOTTO, Maria Lúcia Carraro; FÁBRIS, Neivo Ângelo; HACHMANN, Roberto. **Erechim, Retratos do Passado, Memórias no Presente.** Editora Graffoluz, Erechim, 2012.

CHWARTZMANN, Samuel. **Memórias de Quatro Irmãos.** EST Edições, Porto Alegre, RS, 2005.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Para uma história do oeste catarinense: 10 anos de CEOM.** Chapecó: Unoesc, 1995.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Frente de Expansão e povos indígenas em Santa Catarina.** Fronteiras: Revista Catarinense de História, 2016.

DELLA LATTA, Venâncio Hugo. **Campinas do Sul e sua História.** Graffoluz, 2004.

DUCATTI NETO, Antônio. **O Grande Erechim e sua história.** Porto Alegre, RS, EST. Edições 1981.

ECKER, Adair Francisco **A trilha dos pioneiros.** Passo Fundo. Gráfica Editora Berthier, 2008.

FELDMAN, Marcos. **Memórias da Colônia de Quatro Irmãos.** Editora Maayanot, São Paulo, 2003.

FONSECA, Pedro Ari Veríssimo da. **O Negro na História do Rio Grande heroico I (1725-1879).** Diário da Manhã, 2007.

FRANCISCO, Aline Ramos. **Selvagens e Intrusos em seu Próprio Território. A Expropriação do Território Jê no Sul do Brasil (1808-1875).** Programa de Pós-graduação em História. Unisinos, São Leopoldo, RS, 2006.

GIARETTA, Jane Gorete Seminotti. **O Grande e Velho Erechim: ocupação e colonização do povoado de Formigas (1908-1960).** Passo Fundo, 2008.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization Association e a Colonização de Quatro Irmãos.** Porto Alegre, 1997.

GRITTI, Isabel Rosa. **Os pinhais da fazenda Quatro Irmãos RS e a Jewish Colonization Association.** UFFS editora, 2014.

GUTFREIND, Ieda. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul: pogroms na terra gaúcha?** WebMosaica, v.2, n1, 2010.

MALAGE, Katia Graciela Jacques Menezes. Condá e Viri: **Chefias indígenas em Palmas PR. Década de 1840**. Programa de pós-graduação, UFPR, Curitiba, 2010.

MARCHEZI, Luiz Genuir. **David Canabarro: Sua Terra, Sua Gente, Sua História**. Est. Edições, Porto Alegre, 2006.

MAZOCATO, José. **Esboço histórico de Nonoai**. Ed. Pe. Bertheir, 1958.

PARIZZI, Marilda Kirst. **Passo Fundo, sua História e evolução**. Gráfica Editora Berthier, 1983.

RADIN, José Carlos; CORAZZA, Gentil. **Índio Condá**. UFFS editora, 2018.

SUPRINYAK, Carlos Eduardo. **Tropas em Marcha: o mercado de animais de carga no centro-sul do Brasil Imperial**. Annablume Editora, 2008.

Acervos

Acerto de Fotos do CTG Rodeio da Querência de Campinas do Sul.

Acerto de Fotos do Estúdio de Fotos Coppini, Campinas do Sul.

Acerto de Fotos e documentos da Biblioteca da Universidade de Passo Fundo.

Acervo de Fotos particular do autor.

Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font. Erechim, RS.

Periódicos e Documentos de Cartórios

Cartórios de Registro de Imóveis de Passo Fundo, RS

Jornal a Voz da Serra. Artigos Diversos, Erechim, RS.

Jornal Diário da Manhã. Artigos Diversos, Passo Fundo, RS.

Jornal O Nacional. Artigos Diversos, Passo Fundo, RS.